

MENSAGEM DE INTEGRAÇÃO

Josaphat Marinho

É difícil ao prelado estranho ao meio em que vai exercer sua missão nele inserir-se com naturalidade. O desconhecimento da índole do povo, de seus costumes, de sua linguagem peculiar gera, comumente, demoradas preocupações. A ânsia do primeiro contato desperta múltiplas incertezas e indagações. Como e que falar? Qual a mensagem adequada à identificação com o espírito geral ou predominante? Quais os problemas que mais afligem a coletividade? Tais interrogações não de perturbar o preparo da primeira mensagem dirigida à comunidade. Fixar o estilo, o conteúdo e a diretriz convenientes à integração imediata envolve tarefa complexa para o sacerdote cioso de seus altos deveres, qualquer que seja o lugar de seu destino. Os povos têm aspirações variáveis, ao lado de anseios comuns de liberdade e igualdade, palpitantes em todas as latitudes.

Dom Geraldo Majella empossou-se na Arquidiocese de Salvador com impressionante compreensão do espírito baiano. Usou a linguagem própria da Igreja e de um arcebispo, que é o primaz do Brasil, sem revesti-la de jactância nem de vulgaridade. A homilia foi sobriamente simples, sem floreios impróprios nem dissertação filosófica inacessível ao padrão médio da população. Respeitando os cânones, não ameaçou com dogmatismo. Sentindo declaradamente a responsabilidade de que se investia, buscou força na comunidade para vencer a tarefa. Longe de anunciar propósito de ensinar, confessou que veio para "aprender muito" da "experiência de fé" dos baianos, e com sua "preciosa ajuda", sem exclusões preconceituosas.

Assinalou, por isso mesmo, as virtudes do sincretismo, tão vivo na



cultura baiana. Realçou, claramente, que o sincretismo "não é um problema", mas "uma riqueza cultural que poderá trazer muitos benefícios". Nesse reconhecimento não concorre apenas para superar divergências ou dúvidas entre católicos, ajuda a reduzir suspeitas e desigualdades, que se estendem

ao meio social. Ressaltando "a unidade na multiplicidade da fé", prega o diálogo, criador da tolerância, não praticada em diversos setores do governo e da sociedade. Assentada essa orientação e desdobrada na comunidade, vale como exemplo a expandir-se no país e a converter-se em ensinamentos repro-

ductivos. A tolerância, como forma ou expressão da inteligência esclarecida, é força multiplicadora do trabalho coordenado, do entendimento espontâneo, da livre cooperação. Fortalece a convivência, sem o braço do mando que ordena e constrange.

Mas é de ser salientado, também, que, antes da posse, o arcebispo primaz fez observação de largo sentido de justiça social. Condenando as disparidades na sociedade brasileira, frisou a conveniência de socorro aos desamparados. Ora, os desamparados hoje, entre nós, vão dos pobres aos excluídos, compreendendo boa parcela dos doentes. Se há pobres que trabalham e com salário mingauado se mantêm e sustentam sua família, outros não encontram em que ocupar-se, e se arrastam à margem da sociedade. Segundo as estatísticas têm anunciado, a região metropolitana de Salvador é de grande índice de pobreza. Há espaço suficiente, pois, e que se estende a zonas do interior do estado, em que pode desenvolver-se a ação da Arquidiocese para ajudar o poder público e organizações sociais na redução do sofrimento dos desamparados.

Importante realçar, nesse instante, é o espírito de elevada missão social revelado pelo novo arcebispo primaz. Com a economia em depressão, com o desemprego em alta e os salários em baixa, com as realizações públicas diminuídas, é tempo, realmente, do sentimento missionário ajudar aos desamparados. Unindo o tratamento espiritual ao socorro material, a Igreja colaborará, em hora de graves tensões, para resguardar a harmonia coletiva, já bastante abalada.

■ Josaphat Marinho, ex-senador, é professor emérito da Universidade de Brasília e da Universidade Federal da Bahia

Chico Reis